

Cultura em meio Rural

Emanuel Sancho (*)

Para a população rural, o sentimento permanente da sua condição marginal parece ter sobrevivido até aos nossos dias. Compreensivelmente, as cidades maiores sempre exerceram a sua natural hegemonia. Aí estavam os poderes político, religioso, as famílias economicamente poderosas, muitas vezes com ação mecenática importante, e os estrangeiros residentes, às vezes cultos, mas sempre ligados aos negócios mais rentáveis. Aí se ergueram teatros e mais tarde cinemas. Fundaram-se clubes e associações, onde as elites culturais desempenharam um papel fundamental na dinamização cultural cidadina: os saraus, os concursos literários, as palestras.

Também no meio rural, as pessoas procuravam organizar-se. Contudo, o panorama era diverso: construía-se réplicas simplificadas do que se via na cidade com os clubes e sociedades recreativas a organizarem bailes ao fim de semana e a instituírem bibliotecas populares que pouco mais eram do que umas prateleiras de livros fechados à chave. Algumas famílias destacavam-se no gosto pela leitura, pela música tocada ao piano ou ouvida na grafonola. Paralelamente havia (e há) a chamada cultura popular: um conjunto de saberes nascidos quase sempre da luta diária pela sobrevivência que persiste na memória das pessoas. São disso exemplo a poesia, a música e um instrumental próprios que chegaram aos nossos dias.

Neste ponto da reflexão convém referir a clara dificuldade em se estabelecerem os limites entre o rural e o urbano, conscientes que, tanto na cidade como no campo, as duas realidades convivem lado a lado. Talvez a predominância seja o fator chave deste difuso jogo de relações. Por isso, a provocação deliberada do uso que fazemos - quase indiferenciado - destes conceitos/contextos sociais.

Desde há muito que as elites culturais passaram a interessar-se pela cultura popular, promovendo incursões e “recolhas” que terminavam sempre nas reservas e arquivos dos museus e universidades. Também, como acontece frequentemente com as manifestações culturais em geral, o poder político sempre procurou usar-se delas em seu favor, moldando-as aos seus interesses. Exemplo paradigmático desse fenómeno é o caso do movimento folclórico que chegou aos nossos dias. Apesar das múltiplas abordagens exteriores, a identidade rural sempre teve a consciência da distância que a separava do poder, vendo nisso inconvenientes mas, por vezes, também algumas vantagens.

E nos nossos dias? Existirá ainda uma identidade rural e um modo de vida próprio capaz de refletir nas suas raízes e, a partir daí, produzir valores e cultura para o tempo presente? Sabemos que o esquema de relações entre a cidade e o campo alterou-se profundamente. Entre a globalização e a massificação dos nossos dias, as economias rural e urbana aproximaram-se em muitos aspetos, mas isso não reduziu os contrastes que sempre existiram entre elas. A cultura cidadina foi ao campo e de lá trouxe o que melhor lhe aprouve. Ao invés, sabemos que ainda hoje o rural vive fascinado pelo brilho da cidade.

Ouvimos hoje falar do “regresso à terra”, das “slow cities”, da dieta mediterrânica, do património cultural imaterial e sentimos, os rurais, afinidades bastantes com estes movimentos culturais emergentes. Serão os sinais de um despertar assente nos valores de uma cultura própria?

(*) Director do Museu do Trajo de São Brás de Alportel. Membro da Direção da AGEAL